

Família, escola e materiais escritos: interfaces com as práticas de letramento

Ana Lucia Espíndola

Resumo

Temos como objetivo neste trabalho refletir sobre as práticas de letramento em duas famílias de meios populares, através da análise de dados coletados em uma pesquisa que desenvolvemos de 2007 a 2010. Trata-se de uma pesquisa do tipo etnográfico que tem como sujeito um grupo de dezessete mães e trinta e duas crianças moradoras de um bairro de periferia da cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Utilizamos como fonte de coletas de dados: a) entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos b) registros em vídeo; c) observação das residências dos sujeitos; d) questionários. Concluimos que não é possível falar de letramento em famílias de camadas populares de forma genérica e sim que precisamos buscar identificar e descrever tais práticas.

Palavras-chaves: família, escola, letramento

Family, school and written materials: interfaces with the practices of literacy

Abstract

Our aim in this work is to consider about the practices of literacy in two families from popular means, through the analysis of data collected in a research developed between 2007 and 2010. It's an etinography research whose subject is a group of 17 mothers and 32 children living in the outskirts of Três Lagoas city, Mato Grosso do Sul. As a source of data we used: a) Semi-structured interview with these people; b) register in video; c) people's survilence; d) questionaries. We conclude that it is not possible to talk about literacy in family from the low level of society in a general way but we need to search and identify these practices.

Keywords: family, school, literacy

INTRODUÇÃO

Os estudos desenvolvidos sobre letramento apontam para a necessidade de se construir uma perspectiva crítica em relação a este conceito. Esta necessidade se faz presente especialmente nos países latino-americanos, tendo em vista as formas de distribuição e possibilidades de acesso aos saberes elementares nesses países. No Brasil, os altos índices de analfabetismo encontrados (13, 63% na população acima de 15 anos) recaem nas camadas populares da população (GOULART, 2002).

Partindo da concepção de que as práticas de letramento são sociais temos como questão central neste trabalho compreender de que forma essas práticas se manifestam em duas famílias de meios populares sujeitos de uma pesquisa mais ampla que desenvolvemos de 2007 a 2010 em uma periferia urbana da cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul..

Em um primeiro momento discutiremos, neste texto, como vem sendo tratada pelos pesquisadores envolvidos com esta temática a questão do letramento e das famílias de meios populares em interface com a escola. Em um segundo momento, apresentaremos os caminhos metodológicos que traçamos para esta investigação para buscar a compreensão desse objeto que se apresenta tão multifacetado porque se constrói num contexto de múltiplas relações e de difícil compreensão. Em seguida faremos uma análise dos dados obtidos até o momento que nos encaminhará para as considerações finais.

Letramento, família e escola

As práticas de letramento acontecem de forma bastante diferenciadas em diferentes contextos sociais. Um primeiro passo para buscar compreendê-las de forma desprovida de preconceitos e estigmas em famílias de meios populares é descartar a visão naturalizada de família estruturada nos padrões ideais (pai, mãe e filhos), costumeiramente consideradas nas relações de escolares. Conforme Szymanski (2007) trata-se de uma questão ética construir juntamente com as

famílias das camadas populares práticas educativas que garantam às suas crianças a permanência na escola e o sucesso escolar, considerando a estrutura de família posta pelo contexto da sociedade atual. Entender as práticas de letramento presentes nesses meios pode ser de enorme contribuição para a elaboração de práticas educativas que atendam às reais necessidades e contribua verdadeiramente para o sucesso escolar dessas crianças.

Algumas vezes o fracasso de tais crianças é imputado às próprias famílias pelo discurso escolar tendo em vista que as relações estabelecidas entre as famílias de camadas populares e a escola ainda são marcadas por algumas tensões e mitos.

Segundo Thin (2006) o discurso escolar sobre a participação de tais famílias no processo de escolarização dos seus filhos tem sido marcado preponderantemente pelo discurso normativo que insiste no déficit da ação dos pais em relação à escola. Para o autor a compreensão das relações idiossincráticas de tais famílias com a instituição escolar exige o abandono da visão dominante que “caracteriza essas famílias pela incoerência, pela negligência, pela `anormalidade`” (ibid. p.213) e busca da compreensão da lógica própria pelas quais elas são regidas.

Ao mesmo tempo, sabemos também, conforme discutido por Nogueira, Romanelli e Zago (2000) que os estudos sobre as relações que as famílias mantêm com a escolaridade dos filhos ainda são poucos no Brasil. As mesmas autoras advertem ainda que não podemos, quando tratamos de tal temática, considerar a família de forma abstrata, separadas de suas condições históricas e sociais.

Quando nos propomos, neste texto, a discutir as questões das práticas de letramento em famílias de meios populares em sua interface com a escola pretendemos não cair em uma armadilha bastante perigosa: aquela da denúncia do que as famílias não fazem. Assim, não pretendemos na pesquisa que vimos desenvolvendo nem nos limites deste trabalho nos centrar em denunciamentos estéreos que em nada contribuem para a compreensão da questão e para a superação dos problemas enfrentados pela temática.

Bernard Charlot (2000) chama atenção para uma questão quando se trata de estudos sobre fracasso escolar. Segundo o autor ao tratar esta problemática é necessário se fazer uma ‘leitura positiva’ da realidade social e escolar, tendo em vista que algumas teorias acabam por praticar uma leitura negativa quando as traduz em termos de faltas e carências. Embora nosso objeto não seja o fracasso escolar acreditamos que precisamos ter este mesmo cuidado ao discutir várias outras

questões educacionais e, em especial, a questão da leitura e letramento em meios populares. Realizar um 'leitura positiva' significa prestar atenção ao que as pessoas fazem, ao que elas conseguem, têm e são e não apenas às suas carências e dificuldades. Entretanto, esta postura é, acima de tudo, uma postura epistemológica e metodológica, pois "praticar uma leitura positiva não é apenas, nem fundamentalmente, perceber conhecimentos adquiridos ao lado das carências, é ler de outra maneira o que é lido como falta pela leitura negativa (ibid., p.30).

A leitura positiva da realidade estudada será tomada por nós como um princípio na tentativa de compreender a relação das famílias de camadas populares com a escola e com as práticas letradas.

Para Charlot (ibid.) somente dessa forma é que será possível não entender o dominado apenas como um 'objeto passivo' reproduzido pelos dominantes. É preciso, porém, tomar o cuidado de não *incorrer em ingenuidade e sem esquecer que o dominado é, com certeza, um sujeito, porém um sujeito dominado* (ibid.,p. 31).

Assim, acreditamos que faz mister no atual contexto de investigações sobre práticas de leitura e escrita, pesquisas que se ocupem de buscar compreender o que realmente as pessoas fazem com tais tecnologias, que práticas de letramento podem ser encontradas em determinados grupos sociais e de que forma isso poderá contribuir para a superação dos graves problemas educacionais que encontramos.

Pesquisas têm mostrado uma reprodução de escolaridade entre famílias com alto grau de escolarização (GALVÃO, 2003). Entretanto, isso não impede que se observem também os casos de famílias constituídas por pais analfabetos cujos filhos chegam ao nível superior (SILVA, 2007). Tais questões indicam para a necessidade de melhor compreensão das idiossincrasias que marcam esta relação.

Galvão (op.cit.) ao analisar os dados do INAF questiona se práticas de leitura podem ser transmitidas entre as gerações. Responde a esta indagação mostrando que quanto mais cedo as crianças são expostas aos materiais de leitura maiores chances terão de ser um adulto com maiores condições de usar a leitura e a escrita em seu cotidiano. Assim, quando pensamos a relação família e escola, especialmente nos anos iniciais onde a aprendizagem da leitura e da escrita acontece, não podemos negligenciar o papel importante desempenhado pelas famílias nesse processo.

Reconhecer a importância da família não quer dizer responsabilizá-la pelo fracasso ou mesmo pelas dificuldades encontradas pelas crianças especialmente através do discurso da omissão parental. De tal maneira, faz-se urgente, conforme afirma Vianna (2005 p.03):

(...) melhor qualificar e caracterizar as relações das famílias de camadas populares com a escola, sinalizando para alguns deslocamentos de foco, um dos quais seria o reconhecimento da existência de um tipo particular de presença familiar na escolarização dos filhos nesses meios.

Da mesma forma, pensamos que para buscar identificar as práticas de letramento presentes em famílias de meios populares se faz necessário reconhecer que pode haver formas muito particulares de letramento que a escola, muitas vezes, ao olhar não consegue perceber como tal. Um dos principais aspectos que pode contribuir para a compreensão desta questão é a identificação dos materiais escritos usados pelas famílias

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Temos como objetivo nesta investigação refletir sobre as práticas de letramento desenvolvidas em famílias de meios populares, os materiais escritos presentes nesses lares e as marcas de escolarização presentes nas famílias estudadas especialmente em relação às práticas letradas.

Os caminhos metodológicos trilhados se coadunam com os pressupostos da pesquisa qualitativa, assentados nos pressupostos de Denzin (1994), que a define enquanto um conjunto de práticas que não possui um campo específico de métodos inteiramente seus, e nem privilegia metodologias singulares, umas sobre as outras, mas que lança mão de aproximações, métodos e técnicas de variadas formas de pesquisa na busca dos dados necessários à compreensão dos anseios dos sujeitos pesquisados.

Dentro do campo da pesquisa qualitativa esta se caracteriza como uma abordagem do tipo etnográfico. Segundo André (1999) a origem da etnografia está ligada aos estudos desenvolvidos pelos antropólogos para o estudo da cultura e da

sociedade e tem sido adaptado para os estudos ligados à educação. Por tratar-se de uma adaptação a autora prefere utilizar a expressão estudos do tipo etnográfico e não etnografia propriamente.

A pesquisa etnográfica aconteceu seguindo os seguintes passos:

a) organização de um grupo constituído por mulheres e crianças moradoras de um bairro da periferia de uma cidade do interior de Mato Grosso do Sul para encontros quinzenais com a equipe da pesquisa, onde foram realizadas leitura e discussão de histórias de literatura infantil;

b) entrevistas semi-estruturadas com as mães e as crianças pertencentes ao grupo buscando identificar as práticas de letramento que se fazem presentes e identificar as relações estabelecidas entre família e escola.

c) observação nas residências buscando a presença de materiais escritos nos lares dos sujeitos e entrevistas buscando compreender os usos dados a estes materiais.

d) observação e catalogação do nível de instrução das mães pertencentes ao grupo e as possíveis relações existentes entre o grau de instrução, as estratégias de letramento utilizadas pelos sujeitos e a participação destas mães na vida escolar dos filhos.

O primeiro passo foi convidar as mães que tivessem filhos nos quatro primeiros anos do ensino fundamental a participar do grupo. As mães convidadas foram aquelas cujos filhos estavam na escola no período matutino tendo em vista que os encontros de contagem de história se dariam à tarde, portanto, no horário contrário ao que a criança estaria assistindo aula como forma de garantir a presença da mãe juntamente com o filho.

Durante o ano de 2007 realizamos seis encontros para contagem de história e constituímos um grupo de dezessete mães entre 17 e 48 anos e trinta e duas crianças, cuja idade varia de menos de um ano a 12 anos de idade. No ano de 2008 realizamos também seis encontros e, em 2009 e 2010 oito encontros. Temos dezessete questionários respondidos pelas mães e 10 entrevistas realizadas. Dessas entrevistas, seis foram aprofundadas, realizadas por mais de um pesquisador e seguidas de observações nas residências.

Nos limites deste trabalho apresentaremos os dados referentes às observações e entrevistas realizadas em duas famílias do grupo de sujeitos da pesquisa. São duas famílias com muitas similaridades entre elas e, ao mesmo

tempo, marcadas por muitas nuances: moram na mesma rua, estão na mesma faixa salarial (1 a 3 salários mínimos) e podem, ambas, ser consideradas como pertencentes às camadas populares. Entretanto, isso diria tudo sobre elas? É o que buscaremos responder na apresentação dos dados obtidos.

OS DADOS DA PESQUISA: DUAS FAMÍLIAS DE CAMADAS POPULARES SUAS SIMILARIDADES E DIFERENÇAS

Escolhemos as duas famílias exatamente pelas semelhanças e diferenças apresentadas por elas. Apropriamo-nos das reflexões de Charlot (op.cit.), quando indica algumas questões importantes para se compreender a questão do fracasso escolar, para o entendimento das idiosincrasias apresentadas pelos nossos sujeitos.

Conforme discutido por Charlot (ibid.) para analisar o fracasso escolar se faz necessário considerar diversos fatores: primeiramente que há, inegavelmente, uma relação com a posição social das famílias sem que isso signifique, entretanto, reduzir essa posição a *um lugar e a uma nomenclatura socioprofissional, nem a família a uma posição* (ibid. p. 23). Em segundo lugar, é preciso, sempre, considerar a singularidade e a história dos indivíduos, bem como os significados que eles dão à sua posição; em terceiro lugar é importante levar em conta sua atividade efetiva, ou seja, sua prática, o que fazem na escola e como fazem, o trabalho que desenvolvem (ou não) e, por último, a *especificidade dessa atividade que se desenrola ou não no campo do saber* (ibid. p.23). Ou seja, embora a questão do pertencimento às camadas populares possa dizer muito sobre esses sujeitos não podemos somente nos prender a isso tendo em vista que as camadas populares apresentam uma infinidade de nuances entre elas. Apresentamos a seguir as duas famílias escolhidas por nós para a reflexão neste estudo.

A família 1 é composta por sete pessoas: a mãe, o pai, quatro filhos e uma neta de dois anos. Uma filha (que é a mãe da neta citada) e um filho são adultos e dois ainda menores de cinco anos. O pai tem 49 anos, é pedreiro e informa ter estudado até a terceira série primária. A mãe tem 45 anos e informa ter quatro anos de escolarização. Entretanto, em conversas informais e nas realizações

de atividades após a contação de histórias percebemos uma grande dificuldade apresentada por ela ao tentar ler, escrever e produzir textos escritos juntamente com os filhos pequenos que freqüentam o grupo. Tivemos mesmo em alguns momentos do grupo dúvidas sobre se poderíamos considerá-la como alfabetizada. Sua escolarização foi feita, segundo informações fornecidas por ela em entrevistas, em escolas de zona rural no nordeste.

A mãe não trabalha fora, cuida dos filhos pequenos, da neta e dos afazeres domésticos. O filho adulto trabalha mas a filha adulta não exerce nenhuma atividade remunerada. A supervisora da escola sempre destaca sua participação no acompanhamento dos filhos. Está sempre alegre e animada. Tem poucas faltas nas reuniões para contagem de história todas justificadas. A renda familiar informada fica na faixa de 1 a 3 salários mínimos. Observamos que sempre que vêm para a escola para a ouvir história tanto ela como seus filhos estão sempre primorosamente arrumados, penteados com roupas e sapatos que não são usados no dia-a-dia, dando a impressão que o evento é um acontecimento para a família.

A família 2 mora na mesma rua da primeira família apresentada, são na verdade vizinhos. É composta por 4 pessoas: a mãe, o pai e duas filhas, uma de 9 anos e outra de 15. A mãe tem 40 anos e Ensino Médio completo. O pai é mecânico, tem 55 anos e informa ter concluído o segundo ano primário. A família mudou-se para Três Lagoas quando o pai foi demitido do emprego que tinha na região do ABC paulista. A mãe nunca faltou à reunião de contagem de história e parece estar sempre presente no ambiente escolar em todos os momentos. Embora não trabalhe fora faz bolsas artesanais para vender o que lhe fornece alguma renda extra para o orçamento doméstico. A renda salarial também está entre 1 e 3 salários mínimos.

Apresentaremos as diferenças encontradas entre as duas famílias especialmente em dois aspectos: a presença de material escrito encontrado nas duas residências em momentos de observação e as estratégias de letramento utilizadas pelas mães como forma de letrar seus filhos pequenos.

PRESENÇA E USO DE MATERIAIS ESCRITOS

Como procedimento para coleta de dados sobre a presença de materiais

escritos nas famílias utilizamos entrevistas e observações. As observações foram previamente agendadas com as mães e tiveram como principal objetivo observar os materiais escritos presentes na residência. Consideramos como materiais escritos não apenas os impressos como livros, folhetos, bíblias, bulas de remédio etc., mas todos aqueles que envolvem a língua escrita, tais como cartas, bilhetes, blocos de anotações, etc. Nas entrevistas (também feitas com as mães), por outro lado, buscamos compreender como tais materiais foram adquiridos e o uso dado a eles pelos sujeitos.

Ao analisarmos os materiais escritos presentes na residência dos sujeitos podemos observar que na família 2 há uma grande diversidade e quantidade de impressos. Além disso, nos foi possível observar também que o lugar simbólico ocupado pelos impressos, especialmente aqueles de prestígio, tal como livros de literatura, é um indicativo de sua valoração pela família tendo em vista que estes estavam em destaque na sala, guardados em uma estante. Alguns dos livros encontrados foram usados pela mãe em seu processo de escolarização. O fato de guardar os livros e impressos é um indicativo que foi possível de ser observada em várias outras famílias entrevistadas.

A filha mais velha dessa família estava, no momento da observação terminando a leitura de uma edição de uma revista “Sabrina”, a revista encontrava-se ao lado da cama da jovem, com a página marcada. No mesmo cômodo, o quarto das filhas, encontramos caixas dentro do guarda roupa contendo enciclopédias, dicionários de português e inglês, livros didáticos e apostilas. Todo esse material fica a disposição da filha mais velha para uso nos estudos.

A filha mais nova também possui uma caixa para guardar livros de literatura infantil e livros religiosos. Ao todo foram encontrados nove livros todos com marcas de leitura como orelhas dobradas, com capas e páginas desgastadas e amassadas. A mãe, sendo religiosa (evangélica) tinha, em seu criado mudo, ao lado de sua cama, uma bíblia com papéis dentro que indicavam marcações de textos importantes e, também, revistas evangélicas de escola bíblica da igreja.

Em outra sala, numa estante, foi encontrada uma grande quantidade de revista de costura que, entretanto, não havia sido mencionada pela mãe na entrevista, somente foi possível encontrá-la através da observação. Além disso, na casa também encontramos manuais de eletrodoméstico, revistas, livros didáticos velhos e rasgados, jornais e folhetos e, ainda vários calendários de parede quase

um em cada cômodo. Encontramos ainda livros de receitas, revistas, recortes de produtos alimentícios e cadernos de receita escrita a mão, bulas de remédio. Na porta da geladeira foi encontrado um bilhete escrito a mão com o horário de nossa visita a casa

Na família número 1, a quantidade e diversidade de materiais escritos não se fazem tão evidentes, mas os escritos e impressos também estão presentes. Encontramos papéis de contas bancárias como água, luz e telefone e alguns folhetos de propaganda. Em gavetas encontramos folhetos religiosos, algumas bulas de remédio e um manual de eletrodoméstico. Na porta da cozinha vimos um calendário. Também encontramos, no quarto do casal, duas bíblias, duas revistas e um livro didático. Uma das bíblias como o livro e as revistas estavam rasgados e amassados com marcas de leitura e a outra bíblia estava nova. Segundo a mãe, os livros ficam guardados dentro do guarda roupa para evitar que as crianças os peguem e acabem por estragá-los. As crianças só podem fazer uso dos materiais impressos quando têm alguma necessidade escolar.

A questão que nos chama mais atenção aqui não é o fato da existência em maior ou menor quantidade de tais materiais e sim o uso que é feito deles. Na família número 2 os materiais escritos são colocados à disposição dos filhos e na família número 1 são guardados e protegidos.

Nos relatos das entrevistadas podemos perceber um dado já indicado pelo INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional): o maior problema quanto à leitura é a carência de material como livros e materiais de prestígio nos meios populares. Na cidade onde a pesquisa se desenvolve há apenas uma biblioteca pública cuja localização é no centro da cidade. As mães entrevistadas não parecem saber da existência da possibilidade de acesso aos livros através das bibliotecas.

Alguns materiais como bíblias, livros didáticos e revistas são comuns às duas famílias. Mas livros de literatura ou literatura infantil somente são encontrados na família número 2.

Quanto à origem do material percebemos uma diversidade grande que nos mostra o empenho das famílias em obtê-los para que os filhos possam usufruir deles. Uma prática corrente que podemos observar é a doação de materiais escritos e, ao mesmo tempo, o empenho da família em guardar os suportes impressos como forma de ajudar os filhos na escola:

Os livros que eu tenho vêm assim de família alguns foram comprados outros foram dos meus irmãos que foi comprando (...) quando eles estudavam (Mãe, família 2)

Os materiais escritos presentes como livros didáticos, em algumas vezes podem cumprir um papel importante como material de leitura para a própria mãe:

Às vezes quando eu... estou assim mais... termino o serviço de casa, eu gosto de pegar cartilha mesmo dele e fica lendo, olhando... (Mãe, família 1)

Alguns dos materiais escritos encontrados revelam uma necessidade engendrada pela escola. As revistas, material presente em todas as residências observadas, além das duas famílias descritas neste trabalho, são buscadas pelas mães para serem utilizadas pelos filhos nas tarefas escolares:

eu precisei pra que a Ang pudesse estar trabalhando com recortes de palavras e figuras né, ela trabalhava bastante mais o ano passado (Mãe, família 2)

Quando tem uma pesquisa por que tem dia que tem que recortar algumas letras pra tarefa do Art, por que tem muitas letras que ele tira pra recortar e colar. (Mãe, família 1))

Podemos observar aqui a presença da escola criando a necessidade de materiais escritos especialmente para usos escolares. A exigência de determinados materiais como revistas, dicionários e enciclopédias para a execução das tarefas escolares faz com que as famílias busquem tais materiais de diferentes formas.

Assim, a escola se faz presente quando se trata do material escrito especialmente por criar necessidades para o uso do escrito.

E como as duas famílias observadas letram seus filhos? A isso nos deteremos no próximo item de análise.

AS ESTRATÉGIAS DE LETRAMENTO

Estamos chamando aqui de estratégias de letramento aquelas ações desenvolvidas pelas mães, intencionalmente ou não, e que possam, de alguma forma colocar as crianças em contato com o universo da cultura escrita. Quanto às estratégias de letramento podemos perceber que as mães entrevistadas fazem usos

de formas variadas como o intuito de letrar seus filhos pequenos. Nossas entrevistas nos levam a refletir que o tempo de escolarização das mães marca - mesmo que de forma branda - as estratégias usadas por elas. Identificamos as seguintes estratégias nas duas famílias entrevistadas:

a) leitura para o filho e com o filho:

A prática de ler para o filho ou com ele é declarada pela mãe da família 2. Isso não é feito com o propósito definido de letra-los, mas sim como um momento de convívio com as crianças.

A mãe da família 1, por outro lado não relata momentos de leitura com o filho ou para o filho fazendo, porém, a opção por contar histórias oralmente.

A mãe da família 2 relata a leitura de histórias para os filhos com apoio de algum suporte: livros de literatura infantil, revistas, leituras bíblicas, etc. Por outro lado, a mãe da família 1 opta pelos relatos orais. Contar histórias oralmente é uma importante estratégia de letramento tendo em vista que coloca a criança em contato com a estrutura narrativa de determinados gêneros e não estamos, em nenhum momento, desqualificando esta prática. Apenas nos chama atenção o fato das opções pelos impressos se fazerem tão presentes em uma família e em outra não.

b) auxílio nas tarefas escolares e antecipação do ensino da leitura e escrita

Os sujeitos relatam muita preocupação com os destinos escolares de seus filhos. A mãe da família 1, inclusive por já viver com os filhos maiores as experiências do abandono da escola, preocupa-se em fazer com que os menores não tenham o mesmo destino dos irmãos. As mães indicam para a presença sempre de um adulto acompanhando as atividades escolares dos filhos na maior parte das vezes ela própria, se não um irmão ou irmã mais velha. Outra forma de demonstrar esta preocupação e que, a nossa ver, também se revela como uma estratégia de letramento é quando as mães antecipam alguns aprendizados para os filhos, especialmente em relação à leitura e escrita:

c) participação no processo de aprendizagem da leitura e escrita

Uma coisa que nos chamou particularmente a atenção foi como as duas mães acreditam ajudar o filho a aprender a ler e escrever. Parece haver por parte delas muitas dúvidas sobre qual o papel que devem desempenhar neste processo. Aqui novamente podemos perceber pequenas diferenças entre os dois grupos de sujeitos. A mãe da família 2 consegue expressar de forma bem clara qual acredita

ser sua participação nesse processo, de que forma ajuda as filhas a aprenderem ler e escrever. A mãe da família 1 tem mais dificuldade em explicitar sua ação e, nos parece, em entender o que a escola espera dela, embora seja inegável sua preocupação com o destino escolar dos filhos.

Parece-nos que a grande questão é a própria familiaridade desta mãe com a língua escrita. Talvez pelo fato de ter ela própria ficado um menor tempo na escola não sabe ao certo como pode contribuir nesse processo, dando informações muito vagas acerca de sua contribuição.

Assim, podemos afirmar que é possível perceber, diversas nuances quanto às estratégias utilizadas pelas mães das duas famílias apresentadas neste estudo para letrar suas crianças. O que leva a esta diferenciação? A nosso ver a grande questão que está demarcando as diferenças apresentadas é exatamente o tempo de escolarização das mães, apesar da grande similaridade encontrada entre as duas famílias quando analisamos questões objetivas. A mãe que ficou um maior tempo na escola concluindo o Ensino Médio apresenta uma maior familiaridade com a leitura e é ela mesma leitora de determinados materiais escritos. Parece-nos, que onde essa nuance está melhor destacada é especialmente na contribuição que as mães pensam dar para o processo de alfabetização de seus filhos. Aquela com maior tempo de escolarização consegue explicitar claramente como acredita que ajuda ou poderá ajudar a filha no processo de construção e aquisição da língua escrita. A com menor tempo de escolarização não consegue compreender claramente e explicar como pode contribuir em tal processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como objetivo neste texto discutir como as práticas de letramento em meios populares podem ser bastante diferenciadas mesmo quando observamos e investigamos famílias com muitas similaridades entre elas.

Assim, os dados que obtivemos na investigação das duas famílias apresentadas neste trabalho nos indicam que precisamos nos debruçar com muito cuidado sobre esta temática se quisermos compreender a questão com maior clareza.

O ponto central que nos parece surgir neste trabalho é o fato de que a escola contribui de forma indiscutível para a promoção do letramento. Seja pela demanda por materiais escritos que produz - e isso levar as famílias de camadas populares a obterem e guardar materiais escritos de modo geral e o impresso em particular,- seja pelo fato de que é possível perceber que mães com maior tempo de escolarização disponibilizam mais os materiais impressos e percebem melhor sua função no processo de escolarização dos filhos.

É importante destacar que o grupo com o qual trabalhamos se constitui em um grupo bastante diferenciado quando se trata do investimento na escolarização dos filhos. A própria participação do grupo no trabalho investigativo é feito no sentido de buscar formas de ajudar suas crianças a superar possíveis dificuldades escolares presentes.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M *Etnografia da prática escolar*. 3.ed. Campinas: Papyrus, 1999
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- DENZIN, N. N.; LINCOLN, Y. S. "Introduction Entering the Field of Qualitative Research". (In) *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, Cal.: Sage, 1994
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF* 2001. São Paulo: Editora Global, 2003. p. 125-154
- GOULART, C.: *A noção de letramento como horizonte ético-político para o trabalho pedagógico: explorando diferentes modos de ser letrado*. Projeto de Pesquisa desenvolvido na Faculdade de educação – UFF, Rio de Janeiro. 2002
- NOGUEIRA, M. A, ROMANELLI, G. e ZAGO, N. (orgs.). *Família & Escola – trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, Fabiana. Práticas de leitura e escrita em famílias negras de meios populares (Pernambuco, 1950 -1970). In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira [et. al] (orgs.) *Historia da cultura escrita séculos: XIX e XX*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2007. p. 215-234
- SZYMANSKI, H.: *A relação família escola: desafios e perspectivas*. 2. ed. Brasília: Líber Livro. 2007
- THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 32, p.211-226 May/Aug. 2006.
- VIANNA, Maria José Braga. As práticas socializadoras familiares como locus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. *Educação e sociedade*. Campinas, n. 90 p. 1-17. Jan-Abr. 2005.

Ana Lucia Espíndola

Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Curso de Pedagogia CPTL e Mestrado em Educação CPAN. Pós-doutoranda em Educação na Universidade Federal Fluminense. Bolsista de Pós-doc Sênior do CNPq. Coordenadora do ALLEM – Laboratório de Estudos e Investigação sobre Alfabetização, Letramento e Letramento matemático.

E-mail: anaespindola@uol.com.br